







OS
PARADOXOS
DA ORAÇÃO

Uma abordagem diferente sobre a
problemática que envolve a oração

GUSTAVO BORJA BESSA

Uma publicação da Igreja Batista da Lagoinha

1ª Edição: dezembro/2013

Capa e Diagramação:

Junio Amaro

APRESENTAÇÃO

A oração é uma das questões que mais produz paradoxos na vida do cristão. Ela é, ao mesmo tempo, simples e complexa, abstrata e concreta, escura e clara, verdadeira ou falsa, sim e não (com variações no “*espera*”). Ao contrário de outros temas bíblicos, a oração é assunto que poucos entendem a fundo – se podemos crer nesses que dizem que entendem. Muito se tem escrito a respeito, mas pouco se tem vivido de fato na Igreja que, nos últimos tempos, preferiu se dedicar mais à sala de visitas do que ao quartinho de oração.

Neste livro, reencontramos o pregador Gustavo Bessa exortativo, com seus costumeiros lampejos de memória privilegiada, citando e analisando a prática da oração na vida dos grandes evangelistas do passado, cujas Histórias completas conhece e pode comparar com a oração que realizaram. A serviço do tema “oração”, o autor revela sinceros paradoxos desses homens que nos elucidam a questão e parecem ter sido extraídos da experiência atual de cada um de nós. Ele escreve: *“A constante comunhão com o Senhor trouxe ao coração de (David) Brainerd um misto de satisfação e insatisfação. De um lado, ele era satisfeito pelo privilégio de poder vivenciar um profundo relacionamento com Deus. Por outro, ele era insatisfeito pela sua própria condição imperfeita. Ele reconhecia o quanto ainda o seu coração era inclinado para o pecado e o quão profundamente precisava ser transformado pela ação sobrenatural de Deus.”*

Na sequência, em busca do equilíbrio, o autor viaja nas cartas paulinas e encontra respostas claras aos paradoxos, produzindo reflexões que tornam este livro um texto que vai além dos triviais, que temos lido a respeito do tema.

A conclusão surpreenderá sua expectativa, pois aponta uma verdade absolutamente incontestável: um avivamento coletivo só acontecerá depois de haver um avivamento individual, pois o propósito maior da oração é nos relacionarmos com Deus e nos tornarmos cada vez mais parecidos com Jesus. Após a leitura deste livro, mais um paradoxo lhe será apresentado e você terá que escolher: ficar na sala de visitas ou mudar para o quartinho de oração. Boa leitura!

ATILANO MURADAS

NÃO PODIAM AO MENOS PERMANECER DE PÉ

É muito difícil alguém ler o livro *“A vida de David Brainerd”* e permanecer a mesma pessoa. Ainda que não seja uma leitura muito popular, há mais de 250 anos esse livro tem incendiado o coração de vários cristãos. João Wesley, por exemplo, o homem que Deus usou para avivar a Inglaterra no século XVIII,

incentivou todos os pregadores a considerarem e imitarem a vida de David Brainerd.

Uma das características mais notáveis de Brainerd, como se pode notar no seu diário pessoal, era a sua vida de oração. Em seu diário, verificamos as tantas menções que ele faz sobre os seus momentos de oração e de intercessão diante de Deus. Nem sempre eram momentos fáceis. Havia momentos de grande refrigério como também de agonia e luta nesses períodos de oração.

Contudo, após tantas horas, dias e meses de oração e comunhão com Deus, Brainerd pode experimentar um avivamento em sua própria vida e na vida dos pagãos em favor de quem ele tanto intercedia. No dia 8 de agosto de 1745, podemos ler as seguintes palavras no seu diário:

Preguei à tarde para os índios, cujo número agora era de cerca de sessenta e cinco pessoas, entre homens, mulheres e crianças. Meu sermão estava alicerçado sobre Lucas 14.16-23, para o qual fui favorecido por uma incomum liberdade espiritual. Entre os índios houve um interesse muito visível enquanto eu discursava publicamente; mas, em seguida, quando falava particularmente com um ou

outro que demonstrava estar sob mais forte impressão, foi que o poder de Deus pareceu descer sobre a assembleia *“como um vento impetuoso”*, o qual, com espantosa energia, derrubava a todos à sua frente.

Fiquei admirado diante da influência espiritual que tomara conta quase que totalmente da audiência, não podendo compará-la com outra coisa senão com a força irresistível de uma poderosa torrente de uma inundaçãocrescente, que, com seu insuportável peso e pressão, leva de roldão a tudo e a qualquer coisa em seu caminho. Quase todas as pessoas, sem importar a idade, foram envolvidas, inclinando-se sob a força da convicção, e quase ninguém foi capaz de resistir ao choque daquela surpreendente ação divina. Homens e mulheres idosos, que tinham sido viciados em álcool por muitos anos, e até algumas crianças pequenas, de não mais de seis ou sete anos, pareciam estar aflitas devido ao estado de suas almas [...]. Estavam quase todos orando e clamando por misericórdia por toda parte da casa, e até do lado de fora da casa, e alguns deles não podiam ao menos permanecer de pé.¹

Deus usou David Brainerd para vivenciar um dos mais impressionantes avivamentos da História da igreja. Sem dúvida, a sua fome e sede por Deus, o

seu anelo pela presença do Salvador, a sua compaixão pelos perdidos, a sua perseverança na oração e a sua dependência do Senhor foram fundamentais para que ele fosse esse vaso de honra nas mãos do Pai.

AMIZADE COM DEUS

As orações de Brainerd, longe de serem frias ou repetitivas, eram a expressão de um coração que ansiava por ter amizade com Deus. Em seu diário, frequentemente, se notam expressões como: *“Desfrutei de várias outras ocasiões, doces e preciosas, de comunhão com Deus [...], nas quais minha alma gozou de indizível consolo”*; *“Oh! Uma hora com Deus ultrapassa infinitamente todos os prazeres e deleites deste mundo terreno”*; *“Oh, meu Deus bendito! Deixe-me subir para bem perto dEle, e amá-lo, e anelar*

¹ EDWARDS, Jonathan. A vida de David Brainerd. São José dos Campos: Fiel, 1993.p.107-108.

² Idem p.24.

³ Ibidem p.24.

⁴ Ibidem p.28.

⁵ Ibidem p.29.

⁶ Ibidem p.33.

por Ele, e pleitear, lutar, e expandir-me até Ele, para libertação do corpo do pecado e da morte”; “Sentindo meus desejos centrados em Deus, tive grande atração de alma por Ele, em vários momentos do dia”; “Senti algo da doçura da comunhão com Deus, bem como a força constrangedora de seu amor; quão notavelmente esse amor cativa a alma, e faz com que todos os desejos e afetos centralizem-se em Deus!”

O único desejo de Brainerd era poder se relacionar intimamente com Deus e ser o embaixador do Senhor no meio dos pagãos. Como ele amava os perdidos e ansiava por vê-los salvos! Como ele se angustiava por ver os indígenas aprisionados no álcool e escravizados pelo pecado! O seu coração, pode-se dizer, batia no mesmo ritmo do coração de Deus que, também por amor, desceu dos céus a fim de proclamar a salvação aos perdidos.

A compaixão que Brainerd tinha dos perdidos era certamente um reflexo da compaixão do Salvador pelos pecadores. Por causa das tantas orações, das muitíssimas horas na presença do Senhor, dos inumeráveis encontros com Jesus, dos incontáveis momentos de comunhão com o Pai Celestial, David Brainerd foi irresistivelmente influenciado pelo

amor do Senhor. A presença de Deus o afetou profundamente, deixando-o mais parecido com Jesus Cristo.

CONFORMAR-SE A JESUS CRISTO

Esse é o propósito maior da oração: levar-nos, por nossos períodos de relacionamento com Deus, a nos tornarmos cada vez mais parecidos com Jesus. O Pai anseia que os seus filhos sejam conformados à imagem do Seu primogênito. Igualmente, essa é a ardente expectativa de toda a criação. Ela ansiosamente aguarda que os filhos de Deus sejam revelados.

Equivocadamente, alguns imaginam que essa revelação dos filhos de Deus está relacionada com a manifestação de sinais, maravilhas e prodígios. E, por isso, oram incessantemente pelos sinais sobrenaturais. Entretanto, ainda que a manifestação sobrenatural certamente acompanhe aqueles que creem em Jesus, os sinais sobrenaturais não são uma evidência confiável de que alguém é filho de Deus. No final do Sermão do Monte, o próprio Senhor Jesus afirmou que, no último dia, muitos se

⁷ Romanos 8.29

⁸ Romanos 9.19

aproximarão dEle, dizendo terem realizado diversos prodígios e maravilhas; e que, apesar disso, a despeito de todos os sinais sobrenaturais, eles serão lançados para longe da Sua santa Presença.

A nossa oração, portanto, não deve colocar a sua maior ênfase na busca do sobrenatural. Ainda que esse desejo seja legítimo, ele não deve ser o foco da oração. O foco da oração deve ser a comunhão com Deus, e, conseqüentemente, o conformar-se a Jesus Cristo.

Esse era o maior desejo do apóstolo Paulo. Escrevendo aos crentes da cidade de Filipos, ele afirmou: *“Quero conhecer a Cristo, o poder da sua ressurreição e a participação em seus sofrimentos, tornando-me como ele em sua morte, para, de alguma forma, alcançar a ressurreição dentre os mortos.”*¹² O nosso anelo, o propósito de toda busca em oração deve, necessariamente, ser a conformação com Cristo.

VÃS REPETIÇÕES

Nessa busca, nós não devemos usar de vãs repetições como faziam os gentios dos tempos de Jesus.¹³ Eles supunham que se repetissem constantemente a mesma oração, eles seriam

respondidos por Deus. A oração deles era mera repetição mecânica de palavras. Em vez de nascer no coração, a oração nascia da *“boca para fora”*. Era um simples discursar de palavras de cunho religioso.

Nos dias atuais, muitos, ignorantemente, têm repetido a prática dos gentios que viveram nos tempos de Jesus. São crentes bem intencionados que distraidamente recitam orações, supondo que as palavras têm poder nelas mesmas. Seguem o bem traçado caminho do pragmatismo, e assim, deduzem que se a oração funcionou uma vez, ela se tornou fórmula que funcionará todas as vezes. Entretanto, a oração não é estática, como julgam os pragmáticos. Porque a oração tem a sua existência no contexto do relacionamento, ela é dinâmica. Ela segue os livres contornos de um relacionamento saudável e equilibrado. Imagine um relacionamento em que uma das pessoas só conversasse, utilizando-se de fórmulas pré-fabricadas por outros.

⁹ Cf. Marcos 16.17; João 14.12

¹⁰ Mateus 7.21-23

¹¹ Atos 4.29-30.

¹² Filipenses 3.10-11 – NVI

¹³ Mateus 6.7

Como você reagiria a esse tipo de relacionamento tão frio e mecânico? Você não sentiria falta do calor do coração? E não desejaria que o relacionamento fosse menos superficial e mais profundo?

Infelizmente, muitas pessoas têm se relacionado com Deus como se Ele fosse uma máquina de computador, esperando receber os dados corretos para efetuar as operações correspondentes. Esses indivíduos se aproximam dEle com versículos bíblicos, fórmulas prontas, construções teológicas, reivindicações e ordens. Eles imaginam que Deus é uma coisa, e, não uma Pessoa que, transbordante de amor, deseja se relacionar com o ser humano.

Ainda que o modelo pragmático¹⁴ possa funcionar algumas vezes, pelas misericórdias divinas, ele, dificilmente, aproximará a pessoa do Salvador. Pelo contrário, ele fará com que a distância entre Deus e o homem se torne cada vez maior: de um lado, o Deus pessoal, amoroso, anelando por ter amizade com o homem; e, de outro lado, o homem frio, mecânico, repetitivo, equivocadamente, pensando que Deus é uma máquina.

¹⁴ Em termos gerais, a teoria pragmática implica que uma crença P é verdadeira se, e somente se, P funcione, ou seja, útil possuí-la. (MORELAND, J.P., GRAIG, William Lane. Filosofia e cosmovisão cristã. São Paulo: Vida Nova, 2005.p.184.)

DEUS NÃO É UMA MÁQUINA

Talvez, para o homem moderno, seja mais cômodo pensar em Deus como uma máquina, do que pensar nEle como uma pessoa. Uma máquina não tem afeições, não se entristece conosco, não aponta as nossas falhas, não anseia por relacionamento, não nos chama para um diálogo e nem nos convida para um tempo de comunhão. A máquina é insensível e está sempre a disposição para que nós a usemos da maneira que quisermos. A pessoa, não.

Muitos preferem pensar em Deus como uma máquina porque querem se manter acomodados. Sabem que todo relacionamento interpessoal traz exigências e mudanças. E essas pessoas não querem mudar. Antes, querem continuar vivendo as suas vidas solitárias, egoístas e medíocres. Têm medo de serem tiradas da zona de conforto e de serem levadas a lugares mais altos e profundos. Não desejam perder o controle da situação.

Contudo, Deus não se transforma em máquina porque esse é o desejo de muita gente. Deus é e sempre será Pessoal. Ele é e sempre será relacional. Ainda que muitos o vejam como uma máquina, e se aproximem dEle como se estivessem se aproximan-

do de um objeto, Ele permanece sendo Pessoa, e, pouco a pouco, faz com que a sua presença “desorganize” o mundo acomodado do indivíduo que se aproxima dEle.

DEUS DESORGANIZA A VIDA ORGANIZADA

Durante muitos anos Isaías serviu como profeta e sacerdote no meio do povo de Israel. Ele serviu durante os reinados de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá ¹⁵. Apesar de ter contato com as coisas de Deus, Isaías, aparentemente, não desenvolvia um relacionamento profundo com o Senhor. Parece que ele, simplesmente, cumpria com as suas obrigações religiosas, servindo diante de Deus.

Contudo, houve um momento em que a vida de Isaías mudou completamente. Um dia, quando estava servindo no templo, no ano da morte do rei Uzias, a presença de Deus “desorganizou” a sua vida “organizada”.¹⁶ Isaías foi completamente transformado e se tornou um poderoso arauto de Deus no meio do povo de Israel.

Da mesma maneira como Deus “desorganizou” a vida acomodada de Isaías, Ele “desorganizou” a vida acomodada de Jeremias, de Oséias, de Amós, de

¹⁵ Isaías 1.1

Pedro, de Tiago, de Mateus, de Paulo, de David Brainerd e de tantos outros que se aproximaram d'Ele. Mesmo que as pessoas, despretensiosamente, se aproximem de Deus, não há como elas não serem influenciadas e afetadas no relacionamento com Ele. É impossível alguém permanecer o mesmo, ou manter-se no controle da situação, depois que se encontra e se relaciona com o Senhor.

Todo e qualquer relacionamento é dinâmico, e por isso, de alguma maneira, imprevisível. O mesmo ocorre no nosso relacionamento com Deus. Não sabemos o que Ele irá nos trazer e desconhecemos de que modo a convivência com Ele irá afetar as nossas vidas. Ainda que tentemos manter alguns limites enquanto nos relacionamos, nem sempre esses limites são inflexíveis. Pelo contrário, muitas vezes Deus os ultrapassa, e faz com que a nossa vida seja mudada.

JOIO NO MEIO DO TRIGO

Infelizmente, nem sempre a presença de Deus irá levar alguém a se parecer cada vez mais com Jesus Cristo. Há muitos que optam por resistir e permanecer resistindo à doçura da ação divina. Há muitos que preferem manter as suas capas religiosas e as suas vidas arrogantes.

Houve inúmeros fariseus que resistiram a Jesus. Eles escolheram manter o seu estilo de vida orgulhoso a serem transformados durante o relacionamento com o Salvador. Eles optaram pela religião, pelo pragmatismo, pela superficialidade e pela sua

zona de conforto. A oração dessas pessoas não se dava em um contexto de relacionamento, mas sim, em um ambiente de cobranças e de legalismos. Deus, para eles, continuava a ser como que uma máquina, que exigia os dados certos para apresentar as respostas correspondentes.

A presença de Deus, para esses fariseus, não trouxe transformação para a vida, mas sim, justiça para a condenação. Diante da contínua resistência à presença transformadora de Deus, os fariseus foram chamados por Jesus de filhos do diabo,¹⁷ e como parte daquele grupo que não pertencia a Deus.¹⁸

O apóstolo Paulo também se deparou com pessoas desse tipo e preveniu Timóteo contra esse tipo¹⁹ de gente. Judas, escrevendo aos crentes, também alertou sobre essas pessoas.²⁰ É gente que permanece na igreja, mas que não é conformada a Cristo nos seus momentos de oração e relacionamento com Deus. São joio no meio do trigo, e que, portanto, só serão distinguidos no dia da vinda do Senhor.

¹⁷ João 8.44.

¹⁸ João 8.47.

¹⁹ 2 Timóteo 4.14-15.

²⁰ Judas 4,8-13.

A PERSEVERANÇA NA COMUNHÃO

O nosso chamado certamente inclui a perseverança da nossa comunhão com Deus. Porque Brainerd não desistiu de buscar essa intimidade, ele foi afetado pelo amor do Senhor e pôde servir como vaso de honra e instrumento para a conversão dos índios. O avivamento veio porque ele perseverou em estar Coram Deo.

Como Brainerd, muitas outras pessoas, em diversos momentos da História, perseveraram na comunhão com Deus, se tornaram imitadores de Cristo e, conseqüentemente, referenciais para outros indivíduos. O século XVII abrigou um desses homens. Ele ficou conhecido como irmão Lawrence.

Dentre as poucas cartas do irmão Lawrence que chegaram até nós, várias comentam sobre a importância de se viver uma vida de comunhão diária com o Senhor. Em uma delas, ele revela quando e de que modo ele começou a vivenciar um relacionamento contínuo com Deus. Ele escreveu o seguinte:

Alguns dias atrás, eu estava conversando com um irmão sobre piedade. Ele me disse que a vida espiritual era uma vida de paz alcançada em três etapas. Disse que há primeiro o medo; em seguida, o medo converte-se

em esperança de vida eterna; finalmente, vem uma consumação, que é a do puro amor. Ele disse que cada um desses estágios é um estágio diferente que, por fim, leva a pessoa a *“essa bendita consumação”*.

Nunca segui esse método. Pelo contrário, foi por tanto desanimar-me com esses métodos que, quando finalmente vim para o Senhor, decidi apenas entregar-me a Ele.[...]. Compreendi que somente por causa do puro amor para com Ele pude renunciar todas as outras preocupações e interesses do mundo.

Durante os primeiros anos de minha busca por Deus, usei métodos. Eu reservava momentos para dedicar meus pensamentos à morte, ao juízo, ao céu, ao inferno e aos meus pecados. Fiz isso durante anos. Entretanto, no restante do dia, comecei a fazer outra coisa. Passava o resto do meu tempo, mesmo em meio ao trabalho, voltando cuidadosamente minha mente para a presença de Deus. Sempre pensei que Sua presença estivesse comigo, até em mim!

Por fim, deixei de usar esses momentos específicos de oração para praticar qualquer tipo de devoção metódica que fosse de grande prazer e conforto para mim. Comecei a usar meus momentos regulares de devoção do mesmo modo que usava o restante do meu tempo, no sentido de

concentrar minha mente na presença de Deus. Esta nova prática revelou-me uma excelência ainda maior do meu Senhor. Somente a fé – não um método e, certamente, não o medo – foi capaz de satisfazer-me enquanto vinha para Ele.

Foi assim que comecei.²¹

Nós precisamos compreender que se quisermos alcançar mais profunda intimidade com Deus, devemos, hoje mesmo, nos comprometer a investir tempo no nosso relacionamento com Ele. Precisamos começar. Certamente, pouco a pouco, à medida que perseveramos em nos encontrar diariamente com o Senhor, notaremos que a nossa vida se tornou diferente e que começamos a nos parecer mais e mais com Jesus.

Mas não somente isso: também, as pessoas à nossa volta notarão essa nossa transformação e, sob o impacto da nossa companhia, também serão transformadas pelo Espírito Santo. Um avivamento coletivo só acontecerá depois de haver um avivamento individual; somente depois de reconhecermos as nossas próprias fragilidades.

²¹ LAWRENCE, irmão; LAUBACH, Frank. *Praticando a presença de Deus*. Rio de Janeiro: Danprewan, 2003.p.103-104.

AS NOSSAS PRÓPRIAS FRAGILIDADES

A conversão é apenas o início da caminhada cristã, e não o fim. Isso significa que, durante toda a jornada, nós experimentaremos transformação interior a partir da ação e intervenção do Espírito Santo. Quanto mais íntimos nos tornarmos de Deus, quanto mais próximo estivermos do Senhor, mais a Sua luz incidirá sobre o nosso coração, e

mais consciência nós teremos das nossas próprias fragilidades e pecaminosidades.

O relacionamento e a intimidade com Deus não nos deixam embrutecidos e insensíveis diante da situação do nosso próprio coração. Pelo contrário, mediante a nossa crescente comunhão com Ele, na oração e meditação das Escrituras, nos tornamos mais cômicos da necessidade que temos de ser profundamente transformados. Somos levados a reconhecer que ainda estamos muito aquém do propósito de Deus para nós e que carecemos da atuação do Espírito Santo em nossas vidas para nos conformarmos mais a Cristo.

Ao editar o diário de David Brainerd, Jonathan Edwards fez as seguintes observações acerca da caminhada desse homem de Deus:

Brainerd era dotado de um espírito suave e terno! Oh, como as suas experiências, esperanças e alegrias se distanciavam da tendência de embrutecê-lo e endurecê-lo, de depreciar as suas convicções e sensibilidade de consciência, de amortecer seus sentimentos para com seus pecados atuais e passados, e de torná-lo menos cômico acerca de seus pecados futuros! Quão longe

estavam essas experiências, esperanças e alegrias de deixá-lo mais tranquilo quanto a negligência dos deveres difíceis e inconvenientes, de deixá-lo mais vagaroso e parcial no cumprimento de mandamentos difíceis, menos apto a ficar alarmado diante de seus próprios defeitos e transgressões, mais facilmente induzido a admitir apetites carnis! Pelo contrário, quão sensível era a sua consciência! Quão tendente era o seu coração a culpá-lo! Quão facilmente ele se alarmava diante do aparecimento da perversão moral! Quão grande e constante era seu cuidado com o seu próprio coração!²²

A constante comunhão com o Senhor trouxe ao coração de Brainerd um misto de satisfação e insatisfação. De um lado, ele era satisfeito pelo privilégio de poder vivenciar um profundo relacionamento com Deus. Por outro lado, ele era insatisfeito pela sua própria condição imperfeita. Ele reconhecia o quanto ainda o seu coração era inclinado para o pecado e o quão profundamente precisava ser transformado pela ação sobrenatural de Deus.

O apóstolo Paulo expressou essa mesma convicção em várias de suas cartas. Escrevendo aos filipenses, por exemplo, ele afirmou:

Não que eu já tenha obtido tudo isso ou tenha sido aperfeiçoado, mas prossigo para alcançá-lo, pois para isso também fui alcançado por Cristo Jesus. Irmãos, não penso que eu mesmo já o tenha alcançado, mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo, a fim de ganhar o prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus. [...] Pelo poder que o capacita [Jesus] de colocar todas as coisas debaixo do seu domínio, ele transformará os nossos corpos humilhados, tornando-os semelhantes ao seu corpo glorioso.²³

SANTOS E PECADORES

Martinho Lutero se referiu a essa mesma situação, descrevendo o cristão como santo e pecador, ao mesmo tempo. O cristão não é em parte pecador e em parte justo. Mas ele é, ao mesmo tempo, completamente justo e pecador. Lutero expressou esse paradoxo assim:

Somos verdadeira e totalmente pecadores, com respeito a nós mesmos e ao nosso primeiro nascimento. Inversamente, já que Cristo nos foi dado, somos santos e

²² EDWARDS, Jonathan. A vida de David Brainerd. São José dos Campos: Fiel, 1993.p.232.

²³ Filipenses 3.12-14, 21 – NVI

justos totalmente. Então, de diferentes aspectos, somos considerados justos e pecadores ao mesmo tempo.²⁴

O cristão, durante a sua jornada em direção à Cidade Celestial, jamais deixará de ser completamente pecador. E de igual modo, ele jamais deixará de ser completamente santo. Ele é ao mesmo tempo e completamente pecador e santo – *semper iustus et peccator*.

Esse paradoxo que caracteriza a pessoa do cristão é tão somente um dos tantos paradoxos apresentados nas Escrituras²⁵. Qualquer afirmação que ignore essa tensão na pessoa do cristão está condenada ao simplismo e à superficialidade. E não somente isso: a ignorância quanto a essa tensão na pessoa do cristão pode levar o indivíduo ao desequilíbrio dos extremos. Por achar-se somente santo, ele pode cair nas garras da negligência e do orgulho; ou, por achar-se somente pecador, ele pode sofrer nas mãos do legalismo e da condenação.

O DESEQUILÍBRIO DOS EXTREMOS

Na Idade Média, por exemplo, o desequilíbrio pendeu para o legalismo e a condenação. As pessoas se achavam tão somente e completamente pecadoras. O desequilíbrio era tão extremo que as pessoas se martirizavam inclusive com chicotes, como era o caso dos flagelantes.

Houve diversas tentativas de aliviar a culpa que pesava tão fortemente na alma das pessoas. A mais radical de

todas eram as várias companhias de flagelantes, ascetas rigorosos que viajavam de cidade em cidade, açoitando-se publicamente com chicotes de couro, na esperança de expiar os pecados seus e da sociedade.²⁶

Em outras ocasiões, o desequilíbrio pendeu para a negligência e o orgulho. Esse tipo de desequilíbrio caracterizou, por exemplo, os ensinamentos de Marcião, um herege que viveu nos primeiros séculos da era cristã. Se por um lado, Marcião não colocava a sua ênfase na santidade do cristão, por outro lado, ele ignorava a sujidade do pecado no ser humano. Ele desconsiderava o problema do pecado no cristão – ignorando a ira e a justiça do Senhor – e ressaltava o amor, a bondade e a compaixão ilimitada de Deus.

Parece que, na atualidade, esse é o tipo de pensamento que tem sido enfatizado no meio de mui-

²⁴ LUTERO, Martinho apud GEORGE, Timothy. Teologia dos reformadores. São Paulo: Vida Nova, 1993.p.73

²⁵ Ao revelar-nos os profundos e sábios desígnios de Deus, a Escritura constantemente utiliza-se de paradoxos, tais quais: lei e evangelho, ira e graça, fé e obras, carne e espírito, liberdade e escravidão, coram Deo e coram mundo, Deus revelado e Deus oculto, soberania de Deus e responsabilidade do homem. O paradoxo *semper iustus et peccator* é apenas mais um dos diversos paradoxos encontrados nas Escrituras.

tos cristãos ocidentais. Esse ensinamento desequilibrado se fortaleceu no final do século XIX, quando alguns pregadores desconsideraram o paradoxo justiça e graça. Em vez de manterem a tensão apresentada nas Escrituras, eles começaram a enfatizar a graça de Deus em detrimento da sua justiça. Segundo o escritor Richard Lovelace:

Toda a igreja estava se deixando levar em direção ao marcionismo, evitando o retrato bíblico do Deus soberano e santo que fica irado com os maus, todos os dias, e cuja ira permanece sobre aqueles que não querem receber seu Filho. Reservando essa imagem a um canto não-visitado de sua consciência, a igreja substituiu-a por um novo deus que era a projeção da bondade de avó misturada aos modos gentis e atraentes de um Jesus que quase não tinha que morrer pelos nossos pecados. Muitas congregações americanas já estavam pagando seus pastores para protegê-las do Deus real.²⁷

²⁶ GEORGE, Timothy. Teologia dos reformadores. São Paulo: Vida Nova, 1993.p.28.

²⁷ LOVELACE, Richard F. Teologia da vida cristã: as dinâmicas da renovação espiritual.

São Paulo: Shedd Publicações, 2004. p.49-50.

Obviamente, com essa abordagem focalizando desequilibradamente apenas o amor e a misericórdia de Deus, os cristãos começaram a ignorar a presença do pecado em seus próprios corações. Por não considerarem tal realidade, eles começaram a se imaginar tão somente e totalmente santos. Tal descompensada suposição resultou em uma igreja condescendente com pecado, negligente na busca de um relacionamento com Deus e triunfalisticamente orgulhosa, a despeito de sua precária situação.

JÁ E AINDA NÃO

Diante dessa exposição sobre a situação paradoxal em que vive o cristão, algumas perguntas podem surgir, tais como: *“Mas o que dizer sobre os efeitos da morte e da ressurreição de Jesus na vida do cristão? Será que o sacrifício de Jesus foi insuficiente para resgatar o crente da triste situação de pecado? Aquele que tem fé em Jesus continua sendo totalmente pecador, a despeito do que Jesus fez por ele?”*

A Bíblia responde a essas perguntas apresentando um novo paradoxo: o crente já foi salvo, mas ain-

da não completamente. Ainda que o sacrifício de Jesus tenha sido perfeito e o cristão já experimente, cotidianamente, os benefícios desse sacrifício, o cristão ainda não usufrui completamente a plenitude das bênçãos advindas da morte e da ressurreição de Jesus.

O apóstolo Paulo, por exemplo, apresenta essa tensão do *“já e ainda não”* em praticamente todos os seus escritos. Escrevendo aos crentes de Éfeso, ele diz: *“pois vocês são salvos pela graça”*.²⁸ A ideia nesse texto é a de que a salvação já aconteceu. Contudo, essa não é a única afirmação de Paulo acerca da salvação.

Uma vez que a salvação final ainda não foi plenamente realizada, ele [Paulo] pode [também] falar da salvação como alguma coisa presentemente em processo (*“estamos sendo salvos”*, 1Co 1.18 – NVI) e de igual modo [como algo] a ser completado (*“seremos salvos da ira de Deus”*, Rm 5.9 – NVI)²⁹

²⁸ Efésios 2.8 – NVI.

²⁹ FEE, Gordon D. Paulo, o Espírito e o povo de Deus. São Paulo: United Press, 1997.p.57.

O paradoxo acerca da salvação do crente é totalmente evidente nas Escrituras: o crente já foi salvo, mas ainda não foi completamente salvo. Mas o paradoxo não se restringe ao ensinamento sobre a salvação. Ele continua permeando o ensinamento de toda a Escritura. A Bíblia, ao ensinar sobre a redenção, afirma que ela já aconteceu³⁰; porém, não completamente, pois ainda aguardamos o dia em que ela acontecerá.³¹ Da mesma maneira, a nossa adoção de filhos já aconteceu,³² mais ainda não completamente, uma vez que ainda *“gememos interiormente, esperando ansiosamente nossa adoção como filhos, a redenção do nosso corpo”*.³³ E a mesma tensão do *“já e do ainda não”* se aplica à justificação. Nós já experimentamos o dom da justiça, ou seja, já fomos justificados pela fé em Jesus³⁴, mas ainda *“aguardamos pela fé a justiça, que é a nossa esperança”*.³⁵

³⁰ Efésios 1.7.

³¹ Efésios 4.30.

³² Romanos 8.15.

³³ Romanos 8.23 – NVI.

³⁴ Romanos 5.1.

³⁵ Gálatas 5.5 – NVI.

³⁶ Colossenses 3.9-10.

Esse paradoxo do “já e do ainda não” referente como vimos aos elementos concernentes à salvação do crente, é que explica o paradoxo da pessoa do cristão, que é completamente e ao mesmo tempo santo e pecador. Na carta aos Colossenses, por exemplo, Paulo afirma que o crente já foi despido do velho homem e revestido do novo.³⁶

Contudo, até mesmo essa expressão encontra o seu paradoxo nas Escrituras. Ao mesmo tempo em que Paulo ensina que esse despir do velho homem e esse revestir do novo homem já aconteceu, ele mostra que o crente ainda precisa se esforçar para fazer isso acontecer.

Embora o vestir-se de um novo homem seja visto como algo acontecido em Cristo, não é um evento que já aconteceu de uma vez por todas, pois Paulo exorta a nos despirmos do velho homem que se manifesta na conduta pagã, para nos revestirmos do novo homem, que é criado à semelhança de Deus (Ef 4.22-24)³⁷

Obviamente, esse despir-se do velho e revestir-se do novo diz respeito às atitudes do crente diante

do pecado e da sua natureza pecaminosa. Na verdade, nós só conseguimos resistir, lutar e vencer o pecado que ainda reside em nós por causa da presença do Espírito Santo dentro de nós. Igualmente, a santidade que temos é toda ela devida à presença do mesmo Santo Espírito em nossos corações. É Ele quem nos fortalece e nos capacita a vencer o pecado.

A INTENSA LUTA INTERIOR

Naturalmente, porque ainda vivemos dentro do contexto do paradoxo, nós experimentamos intensas lutas em nosso interior. David Brainerd, por exemplo, suportando violentas batalhas em seu coração, escreveu no dia 26 de outubro de 1742 as seguintes palavras:

Estive em grande agonia sob um senso de minha própria indignidade. Pareceu-me mais que merecia ser expulso do lugar, e não que alguém me tratasse com gentileza

e viesse ouvir-me pregar. De fato, estava de ânimo tão deprimido, naquelas horas (e em várias ocasiões), que me parecia impossível que pudesse tratar almas imortais com fidelidade. Sentia-me tão infinitamente vil em mim mesmo que pensei que não poderia tratá-las com fidelidade e intimidade. Oh, não passo de pó e cinzas, para pensar em pregar o evangelho aos outros! De fato, nunca poderei ser fiel por um momento sequer, mas certamente ficarei apenas *“caindo paredes”*, no dizer de Ezequiel 13.10, se Deus não me outorgar ajuda especial.³⁸

Essas lutas jamais irão terminar. Enquanto formos peregrinos na terra, nós vivenciaremos esses períodos de guerra e paz, lutas e tréguas, força e fraqueza, vitórias e derrotas, risos e lágrimas. A nossa condição atual não nos permite enxergar a nossa caminhada com outros olhos. Nem mesmo a Escritura aponta para outra direção. Pelo contrário, a Bíblia nos chama a ter a consciência do paradoxo, nos exorta a desembaraçarmo-nos de todo o peso e pecado e nos encoraja a buscar e viver em santidade.

³⁷ LADD, George Eldon. Teologia do Novo Testamento. ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2003.p.653.

³⁸ EDWARDS, Jonathan. A vida de David Brainerd. São José dos Campos: Fiel, 1993.p.39.

Há muitos séculos, viveu um homem conhecido como São Pacon. Ele abriu mão de todas as coisas que possuía com o único propósito de se dedicar inteiramente a buscar a Deus. Mas, mesmo depois de anos de intensa busca, ele continuava sendo atacado por demônios, sofrendo tentações e propenso a pecar contra o Senhor. Ele mesmo nos narra uma das lutas que enfrentou em sua caminhada:

Embora eu seja muito avançado em idade e tenha passado quarenta anos de minha vida nesse [quarto] pensando apenas em minha salvação [diz um dia São Pacon a Paládio], continuo sempre a ser tentado. Há mais de doze anos, não passou um só dia, uma só noite sem que eu tenha sido atormentado ou perseguido pelo demônio. Um dia, tendo se transformado numa jovem etíope que eu tinha visto no verão, em minha juventude, colhendo espigas de trigo, pareceu-me que ela vinha sentar-me sobre meus joelhos. Excitou em mim tamanho desejo de ofender a Deus com ela que fiquei penetrado de dor e lhe dei uma bofetada, depois do que ela sumiu. Mais de dois anos depois, minha mão ainda fedia tanto que eu não podia suportar o mau cheiro.⁴⁰

Esse e outros testemunhos têm o propósito de nos encorajar a viver para o Senhor, aproximarmos-nos dEle, aprofundarmos-nos em nossa comunhão sem deixarmos a perseverança e perdermos a esperança. Certamente, quanto mais nos aproximarmos de Deus, mais teremos a consciência do paradoxo no meio do qual vivemos e mais notaremos que somos completamente e ao mesmo tempo santos e pecadores. Contudo isso não deve nos desanimar. Pelo contrário, deve levar-nos a seguir adiante até que Cristo seja engrandecido em nossas vidas e até cumprirmos a nossa carreira.

John Bunyan, no seu livro *“O Peregrino”*, descreve de forma alegórica e magistral o fim da jornada de tantas lutas dos crentes. Ele escreveu:

³⁹ Hebreus 12.1

⁴⁰ LACARRIÈRE, Jacques. *Padres do deserto: homens embriagados de Deus*. São Paulo: Loyola, 1996.p.211.

Então, vi no meu sonho os dois homens passando pelo portão, e eis que, entrando, se transfiguraram e receberam vestes que resplandeciam como ouro. Também alguns os receberam com harpas e coroas, que lhes foram dadas: a harpa para o louvor e as coroas como sinal de honra.

Nesse momento, ouvi no meu sonho que todos os sinos da cidade repicavam de júbilo, e aos peregrinos se disse: *“Entra no gozo do teu Senhor”* (Mt 25.21). Ouvi também que os próprios peregrinos cantavam a plenos pulmões:

- Àquele que está assentado no trono, e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos (Ap 5.13).⁴¹

Em breve, as lutas que diariamente travamos irão cessar; e, então veremos o quanto foi proveitoso perseverarmos em nossa jornada e guardarmos o nosso coração no Senhor. Naquele dia, nós nos alegraremos com a nossa plena transformação. Enfim seremos tão somente e completamente santos.

41 BUNYAN, John. O peregrino. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.p.231.

JESUS TE AMA E QUER VOCÊ!

1º PASSO: Deus o ama e tem um plano maravilhoso para sua vida. *“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” (Jo 3.16.)*

2º PASSO: O Homem é pecador e está separado de Deus. *“Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus.”* (Rm 3.23b.)

3º PASSO: Jesus é a resposta de Deus, para o conflito do homem. *“Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.”* (Jo 14.6.)

4º PASSO: É preciso receber a Jesus em nosso coração. *“Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome.”* (Jo 1.12a.) *“Se, com tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo. Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação.”* (Rm 10.9-10.)

5º PASSO: Você gostaria de receber a Cristo em seu coração? Faça essa oração de decisão em voz alta: *“Senhor Jesus eu preciso*

de Ti, confesso-te o meu pecado de estar longe dos teus caminhos. Abro a porta do meu coração e te recebo como meu único Salvador e Senhor. Te agradeço porque me aceita assim como eu sou e perdoa o meu pecado. Eu desejo estar sempre dentro dos teus planos para minha vida, amém”.

6º PASSO: Procure uma igreja evangélica próxima à sua casa.

Nós estamos reunidos na Igreja Batista da Lagoinha, à rua Manoel Macedo, 360, bairro São Cristóvão, Belo Horizonte, MG.

Nossa igreja está pronta para lhe acompanhar neste momento tão importante da sua vida.

Nossos principais cultos são realizados aos domingos, nos horários de 10h, 15h e 18h horas.

Ficaremos felizes com sua visita!



Uma publicação da Igreja Batista da Lagoinha

Gerência de Comunicação

Rua Manoel Macedo, 360 - São Cristóvão

CEP: 31110-440 - Belo Horizonte - MG

www.lagoinha.com

Twitter: [@Lagoinha_com](https://twitter.com/Lagoinha_com)